

Família do jovem de 16 anos assassinado enquanto jogava vôlei com amigos na entrequadra da 112/113 Sul ainda vive o luto e clama por justiça

Em memória de Isaac

» MARIANA NIEDERAUER

As lembranças de Isaac Vilhena ainda seguem avassaladoras nos corações dos pais, irmãos, amigos e vizinhos. Há pouco mais de um mês, o menino de 16 anos foi assassinado ao lado de casa, no parque da 112/113 Sul, por um adolescente armado com faca que roubou seu celular. “Parece que foi ontem. É muito presente ainda”, emociona-se a mãe, Jane, abraçada pelo marido, Lucas. A família tenta reconstruir a rotina em meio à dor e ao abismo deixado pela partida precoce do filho caçula. “Isaac era sorridente, alegre, era a marca dele”, exalta a mãe, lembrando da solidariedade que têm recebido, principalmente dos vizinhos, também inconformados e assustados com a perda. Ela mal consegue se alimentar. Ao lado de Lucas e do filho mais velho, Edson Júnior, tentam ser o suporte uns dos outros, acolhidos pela fé. Apesar de ainda viverem o luto, Lucas e Jane se alegram com as muitas mensagens de acolhimento. Também avaliam projetos e propostas de trabalho em conjunto, tanto de conscientização da população quanto para manter viva a memória de Isaac.

O primeiro deles é a instalação de um totem no local onde o jovem foi morto. “Foi ali onde o sorriso dele se encerrou”, lembra Jane. O casal já fez orçamentos e uma simulação do projeto, que foi submetido à Administração do Plano Piloto e aguarda autorização. A administração confirmou que a solicitação foi protocolada em 15 de novembro e encontra-se em análise técnica. O prazo legal para resposta é de 20 dias e, após a emissão do parecer interno, o processo será encaminhado à Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação do DF (Seduh).

Enquanto isso, a rede de síndicos da 112 Sul homenageará Isaac com uma placa na quadra onde o menino foi assassinado. O grupo enviou para Jane dois modelos, e a mãe escolheu o mais colorido. O letreiro trará a frase “Aqui, o coração recorda o que o tempo não apaga: a vida, o riso, e a luz de quem partiu cedo demais”.

Hoje, no local, permanecem as flores ressecadas da homenagem feita pelo vizinho que socorreu Isaac no dia do assassinato. O nome dele escrito com pétalas onde caiu ferido, com vários vasos de planta em volta. Foi ali que, no dia seguinte, um sábado, um grupo se reuniu para celebrar a vida do menino. Entre os presentes, estava Cristina Del’Isola, mãe de Maria Cláudia, que também teve a vida ceifada por crime brutal e, agora, batiza o parque.

Rede de apoio

O servidor público Paulino Motter, 60 anos, foi o vizinho que socorreu Isaac naqueles que seriam os últimos momentos de vida do menino.

Fotos: Minervino Jânior/CB/D.A.Press



Homenagens de amigos da família e de colegas de escola no quarto de Isaac

Arquivo pessoal



Simulação de totem em memória de Isaac Vilhena: aguardando aprovação

Foi dele também a iniciativa de escrever o nome do rapaz sobre o concreto do parque. Os sentimentos de incredulidade e de indignação permanecem até hoje. Em 17 de novembro, um mês após a morte do adolescente, ele relembrou a cena e foi tomado novamente pelas sensações que o dominaram naquela noite de sexta-feira. Decidiu, então, escrever uma longa carta a Isaac e a encaminhou a seus pais (**leia trechos**).

“Esse assunto acabou me pegando muito diretamente. Eu estava retornando do trabalho um pouco mais cedo quando se descortinou o ataque. Uma jovem que presenciou ficou em tal estado de choque que eu a acompanhei ao metrô e, logo que retornei, me deparei com aquela cena.

Isaac já estava estendido no chão. Lembro de ter colocado a mão no pulso dele, e aí acompanhei todo aquele desenlace”, relembra o morador.

No dia seguinte, Paulino, que é morador da quadra residencial, voltou ao local bem cedo, e se deparou com as marcas de sangue. “Aí fiz uma marcação com flores que eu tirei dali da região — ‘Isaac vive! Formou-se naquele local um ponto de referência, houve o ato, em 19 de outubro, e depois se soltaram aqueles balões. Acompanhei tudo como testemunho. Estava com minha filha de 13 anos que, dias antes, estava jogando nessa mesma quadra, e isso nos tocou de maneira muito profunda”, relembra Paulino.

O sentido da carta um mês depois, portanto, é de reconhecer as inúmeras fragilidades que cercam a cidade. “Talvez, o que eu quis dizer, depois de ver toda a repercussão dos fatos, é que, no mundo idealizado, eles seriam colegas de escola, numa Escola Parque, como pensado por Anísio Teixeira. E é esse mundo que se parte de forma acachapante”, lamenta o morador. “Eu não conhecia a família até então, mas a gente acaba criando um envolvimento emocional”, detalha.

Jane e Lucas emocionaram-se muito com a carta e também com um poema que Paulino escreveu sobre Isaac, e agora mantém contato com o vizinho. Uma das músicas que guia a caminhada espiritual da mãe em busca de conforto é Verdades do tempo, de Thiago Brado. “Ame mais, abraça mais / Pois não sabemos quanto tempo temos pra respirar”, dizem alguns dos versos, que ela cantarola, para em seguida concluir: “Eu não perdi tempo com o Isaac. Eu ganhei cada segundo”



Homenagem de um vizinho

Leia trechos da carta escrita por Paulino, que assina com o heterônimo Pedro Santafé. A íntegra está disponível no site do Correio.

Já se passou um mês, Isaac, mas parece que foi ontem. Tudo o que aconteceu naquele fim de tarde trágico de 17 de outubro continua vivo demais, latejando no mesmo ponto onde sua vida foi interrompida. É fácil para mim dizer o quanto tem sido doloroso o silêncio que se instalou no parque onde você tombou — afinal, éramos completos estranhos até o instante em que eu o vi ali, estendido na calçada, já desfalecido, após ser golpeado nas imediações. Mas, desde então, esse silêncio parece falar comigo.

Ontem, ao voltar do trabalho, quando desci na estação de metrô da 112 Sul e segui pelo mesmo caminho de sempre, lembrei-me de súbito que era 17 de novembro. Um mês exato. Fui tomado por uma sensação física, quase vertiginosa, de estar retornando ao teatro da tragédia. A cada passo, eu me aproximava do lugar marcado no concreto — uma marca que não se apaga — onde você caiu, como uma árvore jovem sacrificada antes do tempo. O contorno de flores secas ainda estava lá. O parque já escuro criava um cenário espectral, suspenso. E eu, de novo, fui esmagado pelo peso daquela cena que ceifou sua vida.

A pergunta que não quer calar — e que ninguém consegue responder — é por que tamanha brutalidade? Por que a “banalidade do mal” encontra terreno tão fértil entre nós? Quando um jovem de apenas 16 anos cai mortalmente ferido numa comunidade de vizinhança, algo irremediável se rompe. E o que fica latejando na memória coletiva nos assombrará por anos.

Penso, sobretudo, nos seus pais. A imagem da sua mãe inclinada sobre o seu corpo, tentando reanimá-lo enquanto aguardava os bombeiros, permanece como um poderoso manifesto de estoicismo e amor. Revê-la no ato público do dia 19, depois na missa de sétimo dia na Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, e mais tarde sentada no banco de concreto ao lado do memorial, foi como testemunhar a coragem em estado bruto. A vida continuou para eles — mas jamais será a mesma.

(...) E você faz uma falta imensa, irreparável. Isaac, que esta carta te alcance onde quer que a luz te tenha encontrado. Que ela te envolva como um abraço atrasado — mas inteiro. E que tua memória nunca se apague entre nós. Com afeto, respeito e luto,

Pedro Santafé

Arquivo pessoal



Jane homenageada em evento da Associação Brasileira de Educação Cívico-Militar (Abemil), na terça-feira

Cobrança por justiça e segurança

Na quadra 112 Sul, onde a família mora, e nos arredores do parque, o sentimento que predomina depois do crime é o de insegurança. “Isaac não foi um caso isolado. Houve um roubo de celular na quinta-feira (13 de novembro). Nós é que estamos presos. Não estamos seguros”, reclama Jane. “As pessoas, não só o meu filho, têm o direito de ocupar o espaço público. Meu filho estava brincando num parque”, indigna-se.

Ao menos dois assaltos com faca ocorreram este mês na região do parque onde Isaac foi morto, segundo relato de moradores. O sistema Secretaria de Segurança Pública ainda não consolidou os dados de novembro e não traz o recorte por quadra. Em outubro, a pasta registrou 68 roubos a transeuntes em todo o Plano Piloto.

A iluminação ruim no parque é outra reclamação recorrente dos frequentadores. Alguns dias após o crime, o presidente da CEB Iluminação Pública e Serviços (CEB IPes), Edison Garcia, fez uma visita técnica ao local, a convite do secretário de Segurança Pública do DF, Sandro Avelar.

Em nota, a companhia informou que identificou a retirada dos postes de iluminação pública da alameda central de forma deliberada durante reforma, sem reposição. “Tal alteração comprometeu a uniformidade luminosa do espaço, resultando em iluminação lateral insuficiente”, detalha o texto. Um novo projeto de iluminação do parque foi elaborado e,



Os pais, Jane e Lucas, querem uma pena dura para adolescente que matou o filho

nesta semana, já começou a instalação de novos pontos de iluminação.

“A Secretaria de Segurança Pública, por sua vez, também se comprometeu a adotar medidas para reforçar a segurança no local, demonstrando alinhamento entre as ações de iluminação pública e o policiamento preventivo”, afirma a companhia em nota ao **Correio**.

A família de Isaac também busca justiça para o assassinato do jovem. O caso já foi encerrado

pela Polícia Civil e segue, agora, a tramitação na Justiça. O Ministério Público do DF e Territórios informou que não pode dar detalhes, por se tratar de um trâmite em segredo de Justiça.

Lucas e Jane reforçam que não defendem a redução da maioridade penal, mas querem penas mais duras para casos como o de Isaac. “Não é vingança, é justiça”, reforça a mãe.

Colaboraram Jéssica Andrade e Lara Costa